



## CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA INTERVENÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO EDUCATIVO NO MUSEU DE ARTE: PENSANDO A MEDIAÇÃO CULTURAL PARA A PEQUENA INFÂNCIA<sup>1</sup>

Solange Gabre – UNIVILLE

**Resumo:** O presente estudo<sup>2</sup> evidencia os caminhos metodológicos desenvolvidos para a construção de um projeto educativo no Museu Guido Viaro<sup>3</sup>, para o atendimento do público da pequena infância. Com o intuito de realizar um trabalho de forma compartilhada entre educadores do Museu e educadores que atuam com a pequena infância, optou-se pela pesquisa intervenção. Dessa forma o estudo apresenta a utilização da metodologia da pesquisa intervenção no contexto do Museu de Arte.

**Palavras chave:** Pesquisa Intervenção, Mediação Cultural, Museu, Pequena Infância.

*Configurar um campo de investigação em que o pesquisado tem voz e se apresenta como um agente social e individual transforma essencialmente a prática da pesquisa.*  
Portugal, p.18

O presente estudo evidencia os caminhos metodológicos desenvolvidos para a construção de um projeto educativo no Museu Guido Viaro, para o atendimento do público da pequena infância. Com o intuito de realizar um trabalho de forma compartilhada entre educadores do Museu e educadores que atuam com a pequena infância, optou-se pela metodologia da pesquisa intervenção. A coleta de dados se deu por meio da técnica de grupo focal, em três encontros distintos. A partir das discussões geradas, construiu-se o projeto

---

<sup>1</sup> Artigo ampliado da sua versão original apresentado no II Encontro Internacional sobre Educação Artística em Porto – Portugal, 2012.

<sup>2</sup> Esse estudo refere-se a pesquisa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, intitulada “Mediação Cultural para a Pequena Infância – um projeto educativo no Museu Guido Viaro”, defendida no ano de 2011 na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE.

<sup>3</sup> Museu Guido Viaro foi inaugurado em 1975 em parceria com a Prefeitura da cidade de Curitiba e permaneceu aberto ao público até o ano de 1995. Após 15 anos o Museu resurgiu como uma instituição particular.

educativo com foco na mediação cultural a partir das culturas da infância, bem como, a elaboração de um material educativo.

Neste sentido a pesquisa se justificou pela possibilidade de abrir um diálogo entre educação formal e educação não formal para que, juntos, pudessem descobrir um caminho que levasse a pequena infância ao Museu, a partir de suas culturas.

Nesta perspectiva, pretende-se discorrer brevemente sobre a metodologia da pesquisa intervenção e a técnica de grupo focal, utilizadas no desenvolvimento da pesquisa com o objetivo de contribuir com pesquisas semelhantes, em outros contextos.

### **A escolha metodológica: pesquisa intervenção**

Optou-se por uma pesquisa de cunho qualitativo por ser um meio de produção de conhecimento que não busca mensurar, medir, mas sim, compreender e buscar explicações a valores e significados num meio social. A preocupação, neste tipo de pesquisa, centra-se em levantar todos os elementos que possam contribuir para a compreensão e explicação do que se está investigando e, neste processo, “as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa” (FLICK, 2004, p. 22).

Assim, a pesquisa-intervenção, caminho escolhido para a geração dos conhecimentos sobre a mediação cultural para a pequena infância, contribuiu para a elaboração do projeto educativo no Museu Guido Viaro.

Moreira (2008) destaca dois princípios que norteiam a pesquisa intervenção:

- a) A consideração das realidades sociais e cotidianas;
- b) O compromisso ético e político da produção de práticas inovadoras.

Tendo como base tais princípios, a autora enfatiza algumas características a serem consideradas e apresento-as, fazendo um paralelo com a pesquisa em questão:

<b>Características da Pesquisa-intervenção</b>	<b>Aplicação da Intervenção na pesquisa</b>
1ª - Deve acontecer dentro do contexto pesquisado.	Museu Guido Viaro
2ª - É desencadeada pela demanda, contribuindo na solução de problemas.	Ausência de um projeto educativo e de profissionais capacitados para atender o público da pequena infância no Museu Guido Viaro.

3ª- O pesquisador atua como mediador que articula, organiza encontros, sistematiza as vozes e os saberes produzidos pelos sujeitos envolvidos na pesquisa, agindo num processo de escuta ativa.	Entrevista, grupo focal, sistematização dos saberes na dissertação.
4ª - Interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.	Entrevista e grupo focal.
5ª – As experiências cotidianas e práticas do coletivo, sistematizadas, permitem descobertas e elaborações teórico metodológicas	Elaboração do projeto educativo de mediação cultural para o público da pequena infância e elaboração de um material educativo para o professor.

Para Besset (2008, p. 12), “[...] a partir do momento em que o pesquisador entra no contexto onde se dá a pesquisa, suas perguntas e propostas já constituem uma intervenção”. Portanto, ao adentrarmos no contexto do Museu Guido Viaro com a proposta de elaborar um projeto educativo que atendesse as particularidades do público da pequena infância, intervimos. Isso evidencia a vocação da pesquisa-intervenção, que segundo Sato (2008, p.171) é de:

[...] estar aberta às particularidades do contexto, em termos econômicos, culturais e psicossociais: a dimensão cultural e a singularidade das trajetórias das instituições e organizações coletivas estão fortemente presentes. A forma de aproximação dos “pesquisadores profissionais” com o coletivo e o trabalho realizado deixam entrever que o processo de desenvolvimento da “pesquisa-intervenção” é o resultado de um processo de negociação entre os envolvidos e que depende das circunstâncias presentes.

Sato (2008, p.173) afirma que “essa negociação pode acontecer em momentos inesperados ou através de uma pequena observação ou uma ‘dica’ ou comentário de alguma pessoa da instituição ou do coletivo.” Portanto a inteiração entre os sujeitos da pesquisa é fundamental.

Outra questão de importante relevância é o fato de que, como afirma Moreira (2008, p. 430), “a pesquisa intervenção só acontecerá se houver um problema comum a ser solucionado.” No caso em apreço, o problema da pesquisa girou em torno de que, por um lado, a demanda de visitas da pequena infância dos CMEIs<sup>4</sup>, da RME<sup>5</sup> da cidade de Curitiba, vem aumentando nos museus de arte e percebeu-se ainda que, nos museus de forma geral e particularmente, no contexto do Museu Guido Viaro, não há um projeto educativo e nem profissionais capacitados para a efetivação da mediação cultural que atenda as

<sup>4</sup> CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil.

<sup>5</sup> RME – Rede Municipal de Educação.

particularidades daquele público.

Então, a necessidade de um projeto educativo que atendesse essa demanda foi o que desencadeou o processo de intervenção no contexto educativo da instituição.

Portanto procurei responder a questão:

- Como desenvolver uma projeto de mediação cultural para a pequena infância de forma compartilhada entre profissionais do museu Guido Viaro e dos CMEIs de Curitiba?

Para responder a essa questão parti em busca de sujeitos que pudessem contribuir com o estudo.

Dentro da pesquisa intervenção caracterizam-se sujeitos, tanto o pesquisador quanto os pesquisados e ambos têm um papel ativo no processo da pesquisa.

Os profissionais do Museu que participaram diretamente na pesquisa foram o Diretor e a mediadora da instituição.

Quanto à participação dos profissionais que atuam na pequena infância foi realizado primeiramente um convite para professores/pedagogos que atuam nos Centros Municipais de Educação Infantil - CMEIs da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, que já haviam participado de uma formação<sup>6</sup> sobre a temática “Mediação Cultural” e realizado visitas a museus com as crianças da educação infantil. Também participou a equipe da ação educativa do Solar do Barão<sup>7</sup>, instituição vinculada à Fundação Cultural de Curitiba, pelo fato de terem realizado uma experiência com o público da educação infantil no ano de 2010, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

Foi possível contar com a participação de nove profissionais ao todo entre educadores, professores, pedagogos dos CMEIs, equipe da ação educativa do Solar do Barão<sup>8</sup>, e do Museu Guido Viaro.

Houve a preocupação e o compromisso ético sobre a participação e envolvimento dos sujeitos da pesquisa, bem como, na produção do documento – projeto educativo.

## **Desenvolvendo o percurso investigativo**

Inicialmente a produção de dados ocorreu pela análise documental na busca por um

---

<sup>6</sup> Curso de Formação continuada Ampliando Horizontes.

<sup>7</sup> Solar do Barão é um espaço cultural que abriga o Museu da Fotografia, o Museu do Cartaz, o Museu da Gravura, o Centro de Pesquisa Guido Viaro, ateliês de gravura, litogravura e serigrafia, além da Gibiteca.

referencial teórico que sustentasse a temática: “mediação cultural nos museus de artes para o público da pequena infância”.

Os fundamentos teóricos que sustentaram a pesquisa, foram diálogos estabelecidos com autores como: Barriga (2007), Cabral (2006), Cerisara e Sarmiento (2004), Cunha (2004), Darras (2009), Freire (2001, 2005) Goodson (2007), Hernandáz (2000), Leite (2004, 2005, 2009), Martins (2005, 2008) que compartilharam comigo seus saberes e contribuíram para a ampliação dos mesmos, no contexto do Museu Guido Viaro.

Outros documentos foram necessários para o levantamento de dados sobre o artista Guido Viaro, bem como, sobre o antigo Museu. Busquei-os na Casa da Memória e no Centro de Documentação e pesquisa Guido Viaro, ambos são órgãos da Fundação Cultural de Curitiba. Utilizei documentos como entrevistas em jornais, Boletim informativo da Casa Romário Martins e relatórios das atividades desenvolvidas pelo Museu.

A pesquisa se desenvolveu seguindo as etapas: pesquisa teórica, documental, no contexto do Museu (entrevista com o Diretor), grupo focal, realizado em três encontros, elaboração da dissertação e devolutiva dos saberes construídos aos sujeitos da pesquisa. Houve ainda uma conversa com Constantino Viaro, filho do artista Guido Viaro, que auxiliou em uma das propostas do material educativo.

### **Grupo Focal: Diálogos compartilhados**

O grupo focal (focus group) é uma técnica qualitativa de coleta de dados originalmente proposta pelo sociólogo estadunidense Robert King Merton (1910 - 2003) com a finalidade de obter respostas de grupos, a textos, filmes e questões.

A finalidade principal dessa modalidade de pesquisa é “extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo, sentimentos, opiniões e reações que resultariam em um novo conhecimento.” (GOMES, 2005, p. 179).

O objetivo de desenvolver o grupo focal com a participação dos profissionais do Museu e da pequena Infância foi o de obter saberes sobre a prática de visitas a museus com crianças pequenas.

Sobre o conhecimento gerado pela pesquisa-intervenção, no entendimento de Rocha e Uziel, (2008, p. 540) é:

[...] uma produção que se faz entre os saberes já acumulados e que servem como referencial norteador das práticas participantes da pesquisa e o fazer enquanto construção contínua que organiza a investigação da problemática

em questão.

Foram planejados e desenvolvidos três encontros no museu Guido Viaro onde questões importantes sobre a visita das crianças pequenas ao Museu foram levantadas e discutidas, num movimento de interação entre os participantes, onde todos tiveram vez e voz e, naquele momento, apresentamos algumas passagens das discussões que revelaram a possibilidade da pequena infância adentrar o Museu.

O 1º Encontro ocorreu no dia 24/11/2010. Após a explicitado o objetivo da discussão todos se apresentaram falando um pouco sobre a experiência que tinham quanto a levar as crianças da educação infantil a Museus.

O Diretor fala brevemente sobre o Museu, os projetos em andamento e sobre a pouca experiência em atender as crianças.

Andréa Borowski Gomes, fala da sua formação como pedagoga e da sua atuação nos CMEIs até o ano de 2009, quando desenvolveu e orientou os professores das turmas de pré quanto ao trabalho de visitar museus com as crianças.

Como pedagoga de CMEI participou da formação Ampliando Horizontes<sup>9</sup> e a partir de então, pode desenvolver uma proposta de trabalho envolvendo a os profissionais do CMEI em uma visita cultural e ainda orientar a professora da turma do pré na preparação da visita das crianças ao Museu Alfredo Andersen.

A pedagoga aborda a questão da preparação à visita como algo primordial e, a partir desse trabalho, percebeu que as crianças, quando preparadas e motivadas para esse fim, aproveitavam muito mais a visita. “Só acho que o que não é legal é que tem poucos museus que atendem a educação infantil. Para o pré, senti que os mediadores não estavam preparados, traziam uma fala muito adulta. Dos quatro Museus que visitei, nenhum estava preparado para atender a educação infantil”. (Andréa Borowski Gomes)

A percepção de Andréa evidencia a problemática que envolve a presença da criança pequena no museu de arte, principalmente no que se refere à compreensão e formação dos mediadores desses espaços.

Débora S. M. Gonçalves fala da sua experiência como mediadora/estagiária no Solar do Barão. Comenta que, depois de meses trabalhando no Solar, teve a oportunidade de atuar pela primeira vez com a educação infantil através de um projeto em parceria com a Secretaria

---

<sup>9</sup> O curso é desenvolvido pela Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, para profissionais que atuam na educação infantil. Tem como objetivo ampliar o repertório artístico e cultural dos profissionais, através do patrimônio artístico local, bem como a orientação de visitas culturais com as turmas da educação infantil.

Municipal da Educação<sup>10</sup>. Acredita que a preparação dos mediadores foi muito importante. “Se não tivéssemos tido os encontros com os professores anteriormente, que primeiro tiraram os nossos medos com relação a crianças (...), teria sido muito difícil. As professoras nos alertaram quanto ao tempo de atenção das crianças. Essas informações repassadas pelas professoras foi um ganho, pois estávamos acostumados com crianças maiores e adolescentes.” (Débora S. M. Gonçalves)

Ao ouvir a mediadora, fica clara a necessidade da aproximação dos estagiários para com o público infantil. Esse contato pode ser até por uma conversa com os educadores nas instituições educativas, como no caso evidenciado por Débora.

Hamilca C. Silva, integrante da equipe educativa do Solar do Barão, conta que esse projeto, citado por Débora, foi baseado em três pilares: acolhimento, afeto e atenção. “Isso foi sentido e respeitado a cada grupo de crianças que recebíamos lá. No mês de outubro tivemos mediação todos os dias, tanto pela manhã quanto à tarde e em todos os momentos estávamos juntos. Às vezes nos revezávamos para manter a qualidade da mediação.” (Hamilca C. Silva)

Acolhimento é a primeira atitude dos mediadores quando as crianças chegam ao museu e, se for afetuosa, sensível, refletirá em toda a visita ao espaço, do contrário, pode gerar uma experiência negativa.

Hamilca C. Silva conta que houve muitos momentos de estudos sobre a criança da educação infantil com a equipe de mediadores. Débora complementa que era complicado saber até onde poderiam ir com relação aos conteúdos da arte, com as crianças. E nesse momento o estudo da teoria foi importante e comprovado na prática.

Tão importante como o contato dos mediadores com os educadores da infância, são os momentos de estudos e aí, põe-se em questão o próprio entendimento do que vem a ser o estagiário no espaço do museu e qual é a função da equipe do museu que coordena o trabalho. O estagiário dentro do museu é um agente de passagem e está ali para complementar a sua formação. Sendo assim, quanto mais momentos de estudos, de reflexão e práticas puderem ser desenvolvidas no espaço do museu, mais significativa será a sua possibilidade de atuação na área, porém isso só ocorrerá se houver tal entendimento por parte dos profissionais do museu.

Júlio C. M. Vieira, também integrante da equipe educativa do Solar do Barão, observa que as relações humanas são fundamentais na mediação, seja em qualquer Museu. “O mediador precisa ser agente de acolhimento, ter a capacidade de aproveitar o conhecimento

---

<sup>10</sup> Mostra Museu na Escola é um projeto realizado pela Secretaria Municipal da Educação de Curitiba em parceria com a Fundação Cultural de Curitiba com o objetivo de expor algumas obras do acervo da FCC, que compõe o material Museu na Escola e levar as crianças ao espaço expositivo. Esse trabalho envolveu a formação de todos os envolvidos.

que trazem os pequenos, fazer disso seu discurso e desmontar à idéia de discurso autoritário. Percebemos, durante as visitas, que as relações ocorrem de uma forma natural; quem artificializa e complica somos nós, pois elas (as crianças), estão ali aptas a interagir na sua plenitude. É assim que elas fazem o dia inteiro e no Museu não pode ser diferente. Que casa é essa que tem que ser diferente?” (Júlio C. M. Vieira)

Júlio fala ainda da preparação e da coragem da equipe de mediadores em aceitar o desafio de trabalhar com a educação infantil. “Tinham pessoas super temerosas em atender as crianças. O grande desafio da equipe era como prender a atenção das crianças durante uma hora na sala expositiva. Acho que isso é preparação mesmo e entender isso como uma política pública de retirar os pequenos para perceber (...) a idéia da preservação, patrimônio, de cultura, de história (...) e aproveitar essa oportunidade. Se é política pública tem que ser sério, não dá para pegar na mão da criança e simplesmente dizer: Hoje vamos ao Museu Guido Viaro visitar a exposição. A insegurança que pode ocorrer será pela falta de preparação, que não é de um dia apenas” (Júlio C. M. Vieira)

O ato de proporcionar às crianças um momento de aprendizagem que extrapola as paredes da unidade educativa envolve um amplo trabalho que vai desde a possibilidade de se ter o transporte para a locomoção das crianças. Isso tem haver sim com a questão de políticas públicas, como apontou Júlio. Portanto há a necessidade, a responsabilidade e o comprometimento no desenvolvimento desse trabalho, pois, ter acesso apenas não basta, é necessário mais: planejamento, envolvimento, estudo, parcerias.

Carla Aparecida C. Alberini, educadora de CMEI, complementa que a preparação precisa acontecer até mesmo simulando o momento em que as crianças entrarão no ônibus. Isso tudo pode acontecer por meio da brincadeira. “Montamos um Museu no CMEI e brincamos de visitá-lo. É importante despertar a curiosidade das crianças. Nesse momento o conceito de Museu, ou questões como o porquê não tocar nas obras vão sendo trabalhados de forma lúdica.” (Carla Aparecida C. Alberini.)

Carla deixa claro na sua fala que a criança precisa ser considerada a partir da sua cultura e, nesse sentido, o lúdico é o caminho.

Joselita L. Manera, supervisora da Educação Infantil do Núcleo Regional Cajuru – NRE - CJ, comenta que, na sua última experiência de visitar um Museu com pedagogas e diretoras dos CMEIs do NRE – CJ, percebeu que o comportamento dos adultos no interior do Museu, principalmente aqueles que não tiveram experiências anteriores, é muito parecido e até mais difícil, do que o comportamento das crianças sem preparação. “É interessante como

o adulto se torna uma criança e com um potencial bem maior. Portanto, é necessária a preparação dos adultos também.” (Joselita L. Manera)

Joselita fala ainda da curiosidade espontânea da criança como um fator positivo na mediação porque o aproveitamento pode ser maior do que muitas vezes com os adultos que pouco questionam ou interagem e, na maioria das vezes, somente ouvem passivamente.

A reflexão de Joselita evidencia a importância de um bom trabalho de visitação ao museu desde a pequena infância. Se o adulto não teve acesso quando criança, essa prática não fará parte do seu contexto. As atitudes dos adultos, apontadas pela pedagoga, nos dizem muito. Muito do trabalho que não lhes foi possibilitado e, se não tiveram essa experiência, como é que vão promovê-la com as crianças com as quais atuam?

Geisyara M. B. de Jesus, pedagoga de CMEI, acredita que os adultos também precisam estar sensibilizados para ir ao Museu, principalmente para levar crianças. Comenta que já teve a experiência de levar crianças e adultos ao Museu e que, antes de participar do Ampliando Horizontes e de ter o entendimento da importância da preparação, tinha a visão de visita ao Museu como um passeio. Depois de participar da formação e realizar o trabalho prévio à visita, como, por exemplo, falar das obras que estavam sendo expostas, falar dos artistas, do próprio espaço do Museu, tratar da questão da cidadania e de perceber o patrimônio cultural como nosso também, o trabalho tornou-se mais significativo.

A questão da formação continuada, é algo imprescindível para construir conhecimento e possibilitar o rompimento com práticas de ensino cristalizadas. É pela formação continuada que o profissional poderá suprir as falhas de sua formação desde a tenra idade.

Quanto aos mediadores dos espaços educativos, Geisyara percebe que alguns são bem mais sensíveis e preparados ao abordar a criança, a fazer perguntas, a criar um cenário imagético para a criança, despertar a curiosidade sobre aquele espaço e principalmente dar espaço para a criança falar. Citou que, em alguns casos de visita, a insegurança do mediador era visível e em outros, os discursos eram muito ensaiados. Portanto, acredita que os mediadores precisam de mais sensibilidade para perceber o interesse do grupo, entender a faixa etária, saber aproveitar os conhecimentos que as crianças já trazem.

Débora comenta que o mediador precisa se colocar no mesmo plano que o seu público, principalmente com relação à criança.

Hamilca evidencia o trabalho com os mediadores do Solar do Barão após cada mediação. Toda a equipe senta e faz uma avaliação, uma análise do momento vivenciado. Acredita que esses momentos são importantíssimos para a construção de uma mediação cada vez melhor.

Avaliar permite construir conhecimento juntos, a partir dos erros e acertos e essa atitude é fundamental, principalmente em se tratando da formação continuada do estagiário mediador.

Outra questão abordada foi sobre o desenvolvimento da mediação e Júlio afirma que a dinâmica na visita ajuda muito, tem que ser acessível à compreensão da criança. “Se tiver atividade, qual será, de que forma, qual será o conteúdo abordado, como será desenvolvido, como trabalhar a idéia de olhar.” (Júlio C. M. Vieira)

Sobre a questão do olhar na leitura de imagem, Julio acredita que o fator essencial nesse momento é o sentir, o perceber através dos seus olhos.

A leitura de imagem com a criança pequena permeia as questões do imaginário, e o adulto atua como um articulador de idéias a partir do que se está observando. À criança pequena não interessa saber, por exemplo, sobre o movimento artístico do artista, as datas de nascimento e morte, ou ainda sobre as terríveis tragédias da sua vida. Há que se ter clareza de que esse momento da criança diante da obra no museu, é um dos primeiros contatos da criança com a arte.

Após esse momento de discussão, o grupo assistiu a um breve documentário sobre o artista Guido Viaro e em seguida conheceu o espaço do Museu, mediado pelo Diretor da casa.

Esse momento foi importante para contextualizar o espaço do Museu e sobre o artista em questão.

Depois da visita ao Museu, combinei com o grupo o segundo encontro e, como tarefa para reflexão, entreguei a questão: O que você considera importante para o desenvolvimento da mediação cultural das crianças da educação infantil no contexto do Museu Guido Viaro?

O segundo encontro aconteceu no dia 14/12/2010. No início foi lembrada a questão para a discussão e após lançada a provocação, deixei o grupo dialogar a vontade.

O Diretor do Museu inicia o diálogo reiterando a pouca experiência do Museu com as crianças pequenas e que até o presente momento, receberam apenas três grupos de crianças da educação infantil. Disse que o trabalho se desenvolveu de forma ainda instintiva e seguindo algumas orientações do professor Luciano Buchmann<sup>11</sup>, quando realizou um momento de formação<sup>12</sup> com professores da educação infantil no espaço do Museu.

Outra situação destacada por Guido foi um momento de descontrole das crianças quando uma das educadoras se emocionou, chorou muito e relatou que não consegue ter

---

<sup>11</sup> Luciano Buchmann – Professor da Faculdade de Artes do Paraná.

<sup>12</sup> Esse encontro ocorreu no dia 01/09/2010 e fazia parte do projeto Ampliando Horizontes.

domínio da turma no CMEI e muito menos ali. Daiane colocou que foi uma situação complicada, pois, nem ela havia conseguido esse domínio.

Nesse momento Júlio faz uma intervenção relatando que no Solar do Barão atenderam 26 CMEIs no segundo semestre de 2010, também de periferia e o que percebeu foi que o número de professores que acompanham as crianças foi bastante satisfatório. Em média havia sempre um professor para cada cinco crianças. Percebeu também, durante essas visitas, que quanto mais soltura, quanto mais elementos de “desmontar” a estrutura do saber, melhor ocorre a atividade. “Nessa idade estamos começando a trabalhar com alguns elementos visuais, a questão da cor, da figura, o que está na frente e o que está atrás da figura (...). Então a atividade precisa ser muito bem planejada para não corrermos riscos (...). Precisamos ter uma estrutura bem montada. Tivemos alguns casos de turmas mais dispersas e é nesse momento que precisamos dessa estrutura.” (Júlio C. M. Vieira)

Questionei-os sobre a participação das professoras durante a mediação no Museu Guido Viaro e a mediadora comenta que agiam somente no sentido de auxiliar para alcançar um material ou levar as crianças ao banheiro.

Indaguei ao Júlio se havia percebido alguma diferença na mediação desenvolvida com as turmas da educação infantil que haviam participado da formação anterior com relação àquelas que não participaram. Júlio coloca que sim, “aquelas crianças que chegam ao Museu com o imaginário aguçado, vem novidade boa. Se há uma dispersão, uma total desconexão entre os desejos e a realidade, não se constrói nada”. (Júlio C. M. Vieira) Lembrou de algumas situações e, entre elas, destacou as crianças que indagavam com entusiasmo: Esse é o Museu? Cadê o Barão? Ô homem rico! Certamente essas crianças ouviram sobre o Museu anteriormente.

Júlio acrescenta que a preparação a visita é fundamental se quisermos desenvolver um trabalho sério que dê frutos, tem que haver essa amarração, pois do contrário, fica uma coisa sem sentido, o passeio pelo passeio. Contou também alguns detalhes do trabalho prévio realizado pelos CMEIs. Júlio comenta que acredita que a situação vivida no Museu Guido Viaro ocorreu pela falta dessa preparação.

Julio comenta que é necessário entrarmos no mundo da criança para conseguirmos atingi-las. Dá ainda algumas sugestões de como agir em momentos de muita dispersão. Destaca que algo muito importante a considerar na visita é o laço de afetividade na relação estabelecida.

Joselita L. Manera comenta que isso vai depender da postura do mediador diante das crianças e que o mediador pode deixar marcas positivas ou não.

Andréia entra na discussão e comenta que ouviu o grupo que tem a visão do lado de dentro do Museu e concorda que a preparação é primordial, mas, a preparação dos dois lados. “o imprevisto na educação infantil é algo muito perigoso. Sempre que planejamos qualquer situação que foge da rotina da criança, temos que prever algumas ações e isso só é possível conhecendo-as. A idéia que os adultos têm de uma criança de quatro anos, seja ela da prefeitura ou de uma escola particular, é muitas vezes rotulada.”

Andréia acrescenta que as visitas das crianças da educação infantil aos Museus é algo recente, mas que está acontecendo, e essa nova realidade exige mudanças. Dentre elas o preparo dos profissionais dos Museus a espaços culturais é fundamental, independente de nível social e econômico das crianças atendidas.

Julio coloca que cada faixa etária necessita de um tipo de mediação, pois, os interesses serão diferenciados. Com a criança da educação infantil, por exemplo, não é possível ficar uma hora e meia com a mesma proposta.

Joselita concorda e acrescenta que o tempo de atenção da criança pequena é curto e depende muito do interesse despertado nela.

Joselita acrescenta que hoje há um maior investimento das políticas públicas em levar as crianças a espaços culturais o que, a bem pouco tempo atrás, não ocorria.

Andréia questiona se os espaços culturais aceitam hoje as crianças, pois, a maioria dos espaços aos quais tentou levar as crianças só aceitavam a partir de sete anos de idade.

Júlio complementa dizendo que no Solar do Barão não era diferente desses espaços, não atendiam crianças menores de sete anos de idade. Quando se firmou a parceria com a Secretaria Municipal da Educação, no segundo semestre de 2010, a reação dos mediadores não foi nada positiva e Julio acredita que essa reação foi por falta de experiência, preparo e conhecimento sobre esse público, pela equipe do Museu. Havia muita preocupação com a segurança da criança no espaço do Museu.

Andréia aborda a questão do compromisso e do preparo das professoras que se propõem levar as crianças ao Museu. Joselita concorda e relata algumas situações de visitas que promoveu com o grupo de pedagogas e diretoras dos CMEIs onde atua como supervisora. Conta que quando as profissionais chegam ao Museu foi como se voltassem a ser crianças. A partir daquele momento de vivência, voltam para suas unidades de trabalho querendo levar as crianças também. “Acho importante levá-las a esses espaços para que primeiramente conheçam e depois levem as crianças com mais segurança e preparo.” (Andréa B. Gomes)

Nesse momento levantei uma última questão: o que pensavam a respeito da elaboração de um material educativo para apoio ao professor que visita o Museu.

Joselita se coloca totalmente favorável ao desenvolvimento de um material educativo e dá como exemplo o material Museu na Escola: orientações para o trabalho na educação infantil<sup>13</sup> que os CMEIs acabaram de receber, pois dá um suporte, um subsídio importante, ao professor.

Todo o restante do grupo demonstrou positividade quanto à elaboração do material.

Antes de encerrarmos o encontro surgiu outro assunto: o momento do lanche.

Daiani comenta que as crianças chegam com o ônibus no Museu e lancham ali mesmo antes de iniciar a visita. Andréia comenta que o momento do lanche é muito importante e precisa ser pensado porque as crianças esperam e necessitam dele.

Júlio comenta que no Solar do Barão há uma regra que não pode lanchar no espaço, então a equipe do setor educativo tratou de organizar e adaptar um espaço no próprio setor para que as crianças tivessem esse momento.

Andréia alerta sobre a necessidade de o Museu pensar esse espaço, que não precisa ser um refeitório, mas um espaço acolhedor, como um piquenique, por exemplo. É necessário que Museu e CMEI combinem isso.

Daiani comenta que esse espaço poderia ser na própria entrada lateral do Museu, onde o ônibus estaciona para as crianças descerem com segurança, já que ali tem um jardim e é coberto. Ela diz que é o Jardim do Zezinho, um passarinho que mora no local.

Ao refletir sobre as questões levantadas no segundo encontro, percebo que a fala inicial do diretor do museu revela dificuldades que podem ser consideradas normais quando se inicia um trabalho com poucos recursos teóricos e práticos. Porém, a possibilidade de poder ouvir a experiência do outro, no caso, do Solar do Barão, evidencia que o trabalho pode evoluir e se transformar.

A questão da dificuldade encontrada em trabalhar com o público carente é algo muito relativo, pois, a carência se dá de muitas formas: intelectual, afetiva, financeira entre outras. O que está em jogo não é a carência em si, mas de que forma podemos contribuir com os diferentes públicos, no sentido de ampliar suas experiências, tanto no ambiente formal de ensino, quanto nos ambientes não-formais. Dessa forma, corre-se menos riscos de rotularmos os públicos.

As situações de descontrola da turma e da professora, no caso relatado, revelou a falta de preparação, tanto da professora, quanto do Museu. As discussões anteriores já

---

<sup>13</sup> Museu na Escola: orientações para o trabalho na educação infantil é um caderno que acompanha a Pasta Museu na Escola – material pedagógico composto de cem reproduções de imagens de obras de arte do acervo da Fundação Cultural de Curitiba. Todos os CMEIs possuem.

evidenciaram que sem preparação a visita ao museu não funcionará. A mediação poderá ter sucesso se ocorrer de forma compartilhada entre educador de museu e educador de sala de aula. O professor que visita o museu com suas crianças não é um mero acompanhante. Por outro lado, há a necessidade de abertura do museu para a atuação do professor durante a visita.

As discussões geradas nesse segundo encontro afirmaram o desafio do museu quanto ao público da pequena infância. As contribuições do grupo com seus apontamentos serviram para repensar essa prática na elaboração do projeto educativo no Museu Guido Viaro. Através da análise das discussões, foi possível realizar um levantamento de algumas palavras consideradas como chaves para a elaboração do projeto educativo: Preparação do Museu; Preparação do professor, Preparação da criança; Planejamento; Acolhimento; Diálogo; Afetividade; Dinâmica; Ludicidade; Estudo; Respeito; Conhecer a infância; Material Pedagógico e Avaliação.

Estas palavras só fazem sentido pelo fato de representarem o resultado de discussões entre sujeitos interessados pela temática “Mediação Cultural para a Pequena Infância”. Pautada na fundamentação teórica e no aprofundamento das questões trazidas nas discussões do grupo focal, sintetizadas no diagrama, é que se construiu o projeto educativo para atender a pequena infância no Museu Guido Viaro, bem como, o material educativo elaborado para atender as necessidades do professor interessado em visitar o Museu e, principalmente, a criança que entrará em contato com a arte pela via do lúdico.

O terceiro encontro ocorreu no dia 28 de março de 2011 com a intenção de compartilhar e avaliar com o grupo, o projeto e o material educativo: “A Pequena Infância no Museu Guido Viaro”, construído a partir das discussões no grupo.

A dinâmica do encontro se deu a partir da divisão do grupo em grupos menores para a leitura e parecer sobre o material.

Após a leitura e análise do material, os grupos manifestaram opinião sobre o mesmo. De um modo geral, todos os participantes evidenciaram a importância do projeto, bem como, do material educativo.

Júlio destaca que, primeiramente, é importante perceber que o propósito desse trabalho é pensado a partir das políticas públicas voltadas à educação, e, portanto, essa qualidade é fundamental e quem sairá ganhando com isso serão as crianças e os professores. Quanto ao material educativo, evidencia que será um documento de consulta para o professor que poderá ficar na biblioteca, por exemplo.

Andréa comenta que o material está muito interessante, porém percebeu que evidencia muito as ações dos CMEIs para o Museu e acredita que seria interessante pensar também nas ações do Museu, na direção das Escolas. Acha, por exemplo, que é muito importante para a mediadora que fará o trabalho com as crianças no museu, conhecer um pouco da realidade das unidades, ou seja, sair do conhecimento teórico e, na prática, poder ampliar o conhecimento sobre esse público. Outra sugestão, poderia ser a realização de uma entrevista com a professora, no primeiro encontro de formação no Museu, para que situações importantes sobre a turma sejam do conhecimento da mediadora, evitando situações inesperadas no ato da visita.

Daiane comenta que está cursando pedagogia e já teve a oportunidade de estagiar em alguns CMEIs. Evidencia que está disponível para realizar visitas a algumas unidades e que tem a autorização do Diretor do Museu.

Júlio complementa a questão apontada por Andréa, afirmando sobre a importância do contato anterior da mediadora, no CMEI, para conhecer a dinâmica da unidade. Isso a ajudará compreender que público é esse.

Outra preocupação apontada por Júlio foi quanto ao número de mediadores e Daiani explica que conta com o auxílio de mais dois mediadores para o atendimento as crianças e assim o trabalho ocorre sem problemas.

Andréia complementa suas colocações e sugere que, no material educativo, seja acrescentado um texto sobre o papel do mediador.

Sobre a avaliação, Julio e Hamilca destacam que, a partir das suas experiências, o ideal seria que os profissionais a realizassem em outro momento e que depois, a enviassem ao Museu. Porém, na prática, isso não funciona, pois, as avaliações não retornam. A sugestão seria que a avaliação proposta para esse projeto fosse repensada no sentido de diminuir o número de questões, para que o profissional responda no próprio Museu no dia da visita.

Júlio ainda destaca que seria importante contemplar, no material para o professor, um breve texto sobre a mediação cultural. O que foi acordado pelo grupo todo.

No encerramento da discussão o grupo se manifestou com aplausos e a verbalização de desejo de sucesso na efetivação do projeto.

As observações apontadas pelo grupo foram consideradas e os ajustes foram feitos.

Pautada na fundamentação teórica e no aprofundamento das questões trazidas nas discussões do grupo focal, é que se construiu o projeto educativo para atender a pequena infância no Museu Guido Viaro, bem como o material educativo.

### **Considerações finais**

Ao abrir as portas para o desenvolvimento desta pesquisa, o Museu Guido Viaro possibilitou a criação de um importante espaço de discussão sobre a pequena infância no Museu, contribuindo no sentido de preencher essa lacuna no contexto educacional atual, tanto formal, quanto não-formal.

Esse espaço de discussão foi possível por meio da pesquisa intervenção e da técnica de grupo focal, uma vez que, um projeto educativo não poderia ser construído por um olhar apenas, do pesquisador, ou do Museu, ou do professor, mas sim, por esses vários olhares compartilhados.

A pesquisa intervenção contribuiu na abertura de espaço para que o diálogo entre os profissionais que atuam no Museu e os profissionais que atuam com as crianças nos CMEIs, mediados por mim, enquanto pesquisadora, pudesse acontecer. Essa aproximação entre os profissionais foi fundamental e extremamente necessária, uma vez que, o tema da discussão envolvia a todos. Assim ampliaram-se os conhecimentos sobre a visitação das crianças da pequena infância ao Museu, estreitando os laços entre educação formal e educação não formal e ainda, colocou-se a pequena infância como pauta principal da discussão.

## **Bibliografia**

BESSET, V. L, COUTINHO, L. G e COHEN, R. H. P. Pesquisa-intervenção com adolescentes: contribuições da psicanálise. In: CASTRO, L. R de e BESSET, V. L. (Orgs.) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. NAU: Rio de Janeiro, 2008.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GOMES, A. A. **Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal**. Ecos – Revista Científica. São Paulo, 2005.

MOREIRA, M. I. C. Pesquisa-intervenção: especificidades e aspectos da interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa. In: CASTRO, L. R de e BESSET, V. L. (Orgs.) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. NAU: Rio de Janeiro, 2008.

PORTUGAL, F. T. **A pesquisa –intervenção e o diálogo com os agentes sociais**. In: In: CASTRO, L. R de e BESSET, V. L. (Orgs.) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. NAU: Rio de Janeiro, 2008.

ROCHA, M. L e UZIEL, A. P. Pesquisa –intervenção e novas análises no encontro da psicologia com as instituições de formação. In: CASTRO, L. R de e BESSET, V. L. (Orgs.) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. NAU: Rio de Janeiro, 2008.

SATO, Leny. Pesquisar e Intervir: encontrando o caminho do meio. In: CASTRO, L. R de e BESSET, V. L. (Orgs.) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. NAU: Rio de Janeiro, 2008.